

Em direção a um novo modelo exportador

“O modelo que fazia sentido ao longo dos anos 50 e 60 enfrentou depois a crise da globalização.” Por **Jorge Hori**

Aeconomia brasileira mudou de rumos, mas a atenção apenas ao dia-a-dia, às flutuações cambiais ou aos assuntos do momento, esconde as mudanças estruturais: que não são de política econômica, mas de comportamento empresarial.

A sociedade brasileira tende a perceber com atraso os movimentos globais da economia, como mostra a sua história.

Uma das etapas mais importantes da evolução da economia brasileira foi a adoção do modelo de substituição de importações, do qual o BNDES, que ora completa 50 anos, foi um dos principais instrumentos. Nele militou Juvenal Osório Gomes, recém-falecido, José Pelúcio Ferreira e outros tantos “estruturalistas”, uma geração em extinção.

Celso Furtado foi um dos principais mentores intelectuais e operacionais do modelo, que foi gestado no governo Vargas — com Jesus Soares Pereira, Rômulo de Almeida e outros, sob a inspiração de Raul Prebisch, economista argentino, que desenvolveu a teoria da deterioração dos termos de troca.

Ele percebeu a tendência de queda dos preços das commodities em contrapartida ao aumento progressivo dos preços dos produtos industrializados, e que isso aumentaria o fosso entre os desenvolvidos e os menos desenvolvidos. Com base nessa percepção — que a realidade mostrou não ser inteiramente correta — defendia a soberania industrial dos países menos desenvolvidos.

O Brasil adotou com grande sucesso essa concepção e criou um grande parque industrial, moderno que chegou muito próximo da auto-suficiência industrial. Mas deixou o germe da inflação que se tornou uma epidemia, pela nossa incapacidade de mudar os rumos, quando o modelo se esgotou.

Em torno dessa visão da economia — caracterizada como estruturalista —, Don Raul desenvolveu junto à Cepal, depois no Ilpes, a formação de equipes de jovens economistas, sociólogos (entre eles o atual Presidente da República Fernando Henrique Cardoso) e outros profissionais que no Brasil implantaram o modelo, com a forte oposição dos monetaristas, liderados por Eugênio Gudin.

Desse movimento surgiram ainda diversas instituições para financiar o desenvolvimento autárquico, como o BID, com Felipe Herrera, mas que posteriormente se integrou no Consenso de Washington, apesar de hoje ser

presidido por um dileto discípulo de Don Raul: Enrique Iglesias.

O Brasil foi vítima do sucesso do modelo e de uma grande contradição política.

O modelo que fazia sentido ao longo dos anos 50 e 60 enfrentou, nos anos 70, uma profunda mudança na economia mundial. Além da crise de energia, prosperou o processo que, mais tarde, veio ser tornar conhecido como a globalização, que a maioria dos brasileiros simplesmente ignorou.

O modelo deu certo na era Juscelino porque os capitais estrangeiros — ainda predominantemente industriais — estavam à busca de novos mercados, novas oportunidades, e o Brasil se apresentava com um potencial mercado interno reservado aos que chegasse antes.

Mas a partir dos anos 60 se desenvolve a globalização, como dimensão econômica da guerra fria, com os então chamados NICCs (Newly Industrialized Countries), posteriormente caracterizados como “tigres asiáticos”.

Essa industrialização, diversa

Etapa importante da evolução da economia brasileira foi a adoção do modelo de substituição de importações

da brasileira, não estava voltada para o mercado interno, mas para o mercado internacional.

Por razões estratégicas os EUA e os países europeus ocidentais abriram parte do seu mercado aos produtos desses países asiáticos, como forma de promover o desenvolvimento da sua economia e a geração de empregos, mas dependentes dos capitais e dos mercados ocidentais. Com isso a civilização ocidental procurava evitar que esses países passassem para a órbita soviética.

Por isso, ainda hoje, a maior dependência das economias asiáticas é do mercado norte-americano, diversamente da brasileira, que por ainda ser muito fechada, continua dependendo fundamentalmente do seu próprio mercado.

O Brasil, embalado no sucesso da substituição de importações, baseado no fechamento da economia, montou uma poderosa estrutura industrial — moderna na sua implantação — que foi ficando desatualizada por falta de novos investimentos e pouca ou nenhuma preocupação com a competitividade, face às reservas de mercado.

O maior equívoco da sustentação desse modelo ocorreu com a

tentativa de estabelecer a soberania da informática.

A contradição política ocorreu com o golpe de 1964: os militares afastaram todos os economistas e outros profissionais “estruturalistas” por entenderem que fossem todos comunistas, dando o espaço aberto aos monetaristas. O regime militar manteve e aprofundou o modelo de substituição de importações, dentro de uma perspectiva de soberania nacional. Mas os monetaristas não tiveram o campo livre para as suas teorias e crenças, tolhidos que ficaram com a sustentação do fechamento da economia.

Os governos militares assumiram o modelo ideológico (o anticomunismo), mas não o modelo econômico da “civilização ocidental”, e essa contradição levou à perda de muitos anos de crescimento: parte dos anos 70, os anos 80 inteiros e parte dos anos 90.

Havia dois grandes pólos de formação de quadros para as políticas econômicas: a Cepal, formando os estruturalistas, no Chile e Chicago, como o principal centro de formação dos monetaristas.

Com o golpe militar em 1964 a Cepal / Ilpes passaram a ser um abrigo de exilados brasileiros de esquerda, que foi liquidada com a ascensão de Pinochet. Os estruturalistas tiveram a sua fonte de formação e renovação cortada, e viraram sobreviventes.

Mesmo depois da democratização os estruturalistas remanescentes não conseguiram criar alternativa à hegemonia monetarista.

Ao contrário, foi aí que o domínio monetarista se completou.

São reminiscências pessoais relembradas pelo falecimento de Juvenal Osório Gomes, um estruturalista histórico, que no BNDES, na Cacex, na CSN e em outros organismos governamentais foi um grande artífice da implantação do modelo de substituição de importações.

Essa referência é significativa no momento em que o Brasil, afinal está passando a entender que não pode ser um exportador de excedentes e que, a nova soberania nacional está na capacidade própria de gerar divisas, porque não há como deixar de importar.

O Brasil já está singrando novos rumos, embora isso ainda não seja claramente perceptível. É pena, Juvenal, que você não esteja conosco para viver mais essa virada.

Jorge Hori, coordenador do PNBE — Pensamento Nacional das Bases Empresariais, é consultor em gestão de organizações públicas e privadas.

E-mail: hori@mailmac.macbbs.com.br